

Urbanização da Amazônia: novas e velhas formas de exclusão

José Aldemir de Oliveira¹

1. Introdução

A análise sobre a Amazônia brasileira quase sempre privilegia dois temas: a natureza e o que genericamente poderíamos chamar de Amazônia Oficial, ou seja a Amazônia dos Grandes Projetos. Essas abordagens, embora importantes são limitadas. Na primeira, considera-se território apenas do ponto de vista da natureza, tornando-o inócuo, pois são as relações sociais que o constroem, o destroem, o inventam e o reconstróem num processo que pressupõe conflitos, contradições e lutas dos sujeitos. Na segunda, é preciso reconhecer que o processo de transformação ocorrido na Região determinou novos significados para as cidades, no entanto, parte significativa da Amazônia não foi atingida por este processo o que não quer dizer que não seja influenciada por ele.

As taxas de crescimento da população urbana da Amazônia, (Região Norte) na última década foi superior à média nacional, todavia, o grau de urbanização é o menor do Brasil com 58,2%, entretanto este percentual está desigualmente distribuído, concentrando a maioria da população nas cidades capitais. Com exceção do Pará, nenhum dos demais Estados da Região apresentava em 1991, outras cidades que não as capitais com mais de 100 mil habitantes. Tomando-se como exemplo o Amazonas, a capital, cidade de Manaus concentra quase a metade da população de todo o Estado. Esse aspecto é tanto mais significativo quando consideramos que a população total das 05 cidades mais populosas do Amazonas é inferior a 17% da população da cidade de Manaus e que nenhuma dessas 05 cidades atingiu em 1991, 50 mil habitantes.

Portanto, mais da metade da população amazônica reside nas cidades e especialmente nas pequenas cidades, sentindo com isso os mesmos problemas urbanos que afetam a maioria da população brasileira que vive nas cidades. As cidades, são lugares privilegiados de reprodução das relações sociais e se constituem bases para a realização ampliada da intervenção direta do Estado na produção do espaço e na ligação de pontos que possibilitam a expansão de novas formas de relações de produção na região. No passado como no presente, este processo não tem ocorrido sem sobressaltos, representando uma espacialização essencial ao desenvolvimento do capital. Tal processo não se dá isento de conflitos, pois que imbricado de múltiplos agentes portadores de diferentes práticas sócio-espaciais, torna as cidades amazônicas o lugar por excelência das lutas sociais.

Esta realidade compreende lugares e homens específicos, o que não quer dizer que este lugar e este homem sejam únicos, pois fazem parte de um amplo contexto. Suas especificidades decorrem do fato de os eventos que os atingem terem dinâmicas próprias, o que dificulta senão impossibilita estabelecer generalizações para uma área tão diferenciada como a Amazônia.

¹. Professor Doutor do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Amazonas-Brasil.

2. Como estudar as cidades amazônicas?²

Pode-se partir de dois questionamentos: 1) As metodologias das ciências sociais, especialmente da Geografia, sobre a investigação da cidade são aplicáveis às cidades amazônicas? Quais os seus limites? Quais as suas possibilidades? Obviamente que nesta exposição não se tem pretensões de esgotar o assunto, nem tampouco apresentar respostas conclusivas. A questão central é fazer uma reflexão sobre a dimensão teórico-metodológica na qual se assenta a pesquisa geográfica sobre a cidade na Amazônia; 2) As relações sociais de produção na Amazônia têm sido produzidas e reproduzidas numa espacialidade concretizada e criada para possibilitar a expansão do capitalismo que tendência à fragmentação e homogeneização, estabelecendo condições de controle para inserir a Região na escala global. Entretanto isso é apenas uma parte do processo, pois existem outras Amazônias que não foram atingidas pela “modernização” e as dimensões de tempo e espaço são estabelecidas a partir de outras dinâmicas que não são os Grandes Projetos.

Neste sentido, o caminhar que se faz para alcançar um lugar na Amazônia é uma longa trajetória, comparável ao processo de elaboração do pensamento. Penosamente palmilhada, se vai superando obstáculos que se tornam menos obnubilares a medida que o sentido vai sendo construído.

A essa Amazônia chega-se à maioria das cidades pelo rio e delas é possível se contemplar uma paisagem cujo limite é o reencontro das paralelas no horizonte em que o céu e as águas parecem se abraçar, quer se olhe em direção ao Ocidente ou ao Oriente. A paisagem citadina avista-se ao longe, aparecendo aos poucos, preguiçosamente aos olhos de quem se aproxima, sem pressa de chegar. Quase sempre, o primeiro sinal é a torre da igreja, tão distante que até parece nunca será alcançada. Assim vista, a maioria destas pequenas cidades situadas às margens dos rios se constituem numa "pausa repousante da monótona sucessão de matas que cobrem as margens do rio Amazonas. Destacam-se, nítidas e coloridas, do fundo verde-escuro da vegetação, a igreja branca e luminosa com o seu telhado cor de barro (...) e uma fila de casas baixas, pintadas de cores claras, de frente para o rio. (...) Assim vista do rio, a cidade parece um quadro emoldurado pela folhagem verde-escura das mangueiras enormes e das palmeiras majestosas que lhes guarnecem as beiras. Parece um recanto sedutor".³

No entanto, uma estreita "prancha" que liga o meio de transporte, o motor de recreio, ao trapiche se encarrega de estabelecer a realidade e o quadro de moldura passa a ter outra dimensão.

Quase sempre localizadas em terrenos altos,⁴ as cidades têm um padrão urbano característico: as ruas e caminhos terminam invariavelmente no porto. A rua da frente ou a rua primeira têm as melhores casas e as ruas de trás, casebres cobertos de palha.

². Um texto mais completo sobre a questão do método foi publicado na *Revista da Universidade do Amazonas. Série Ciências Humanas* v.4, n. 1-2, p. 155-175 com o título: "Repensando o estudo das pequenas cidades amazônicas".

³. Charles Wagley. **Uma comunidade Amazônica: estudo do homem nos trópicos**, p. 45.

⁴. Os terrenos altos são os terraços ou tesos e estão limitados a uma estreita faixa de terra situada a 1 ou 2 metros acima das águas altas. Os tesos são formados por material argiloso. Os terraços Holocênicos são de idade mais recente que os terraços Pleistocênicos.

As cidades amazônicas, pelo menos as localizadas às margens dos grandes rios, parecem ter sido criadas para serem vistas de longe, pois de perto toda a dimensão de beleza que existia no primeiro olhar esvai-se no arruamento caótico, nas casas novas, mas com as fachadas desbotadas e precocemente envelhecidas. Talvez fosse melhor que delas só tivéssemos a primeira impressão

Outras cidades da Amazônia são alcançadas por uma estrada esburacada, permitindo um passar que, se não é tão rápido, possibilita o ir e o vir. Uns fazem o caminho de ônibus, outros de caminhão, uns poucos de automóvel e alguns a pé. De qualquer forma, se vai ou se vem. Ao longo do caminho há boas casas, outras nem tanto, sendo a maioria casebres. Depois de muito caminhar, não tanto pela distância percorrida, mas pelo tempo gasto, a monotonia de uma paisagem de floresta aparentemente uniforme é quebrada, "cidade à vista".

Nada de extraordinário. É necessária boa vontade do caminhante para superar o primeiro impacto e identificar na paisagem das pequenas cidades cor de terra, (onde a poeira impregna as casas e as árvores, magoa a vista e atinge o olfato, ferindo a alma), algo que possa ser designado como belo. Embora a paisagem das pequenas cidades nada tenha de específico, pois assemelha-se à de tantas outras áreas da fronteira ou às periferias das grandes e médias cidades da Amazônia, a impressão imediata é que ela é única.

Nas pequenas cidades amazônicas, mais do que em qualquer lugar, a memória não se encontra no espaço social que se está construindo, mas nos seus construtores, pois cada fragmento do que se produz contém uma parte de quem o faz. É o processo de construir construindo-se, dando a dimensão do não acabado. Neste sentido, a cidade é o lugar do vivido, mas de um vivido espedaçado em que a memória não detém a ação do produzir o espaço, havendo no processo de criação da cidade a predominância do esquecimento e do desenraizamento.

As cidades criadas recentemente na Amazônia, quase sempre o foram a partir da aplicação da política de "desenvolvimento" que produziu espaços e tempos diferentes dos até então vividos pelas populações amazônicas, os quais passaram a ser vistos com novos valores e novas funções. Espaços e tempos que foram produzidos através da atuação do Estado e da expansão do capital na Amazônia. Porém, dizer só isso não basta. O que se deve buscar é a explicitação de que capital, de qual Estado e de qual Amazônia se está falando, para que a análise do processo de construção do espaço não se transforme numa abstração.

O processo de produção do espaço ocorre a partir da ação de vários sujeitos sociais e da relação entre eles e com a natureza. Completa-se com a atuação direta do Estado, num complexo e extenso sistema burocrático, criado e reformulado nos últimos 50 anos, para possibilitar a produção da Amazônia como fronteira.

Mas o processo não se esgota aí, é preciso ir além e considerar outras dimensões. A Amazônia de hoje é um lugar bem diverso do que era no início do século, para não retomar tempos mais remotos, não só porque a natureza foi modificada, mas principalmente porque a cultura mudou de modo considerável, a partir da transformação de hábitos e costumes, sobretudo no decorrer das últimas cinco décadas. Este processo evidenciou que a relação homem natureza que passou a predominar na Amazônia teve e continua tendo como principal característica a tendência à degradação do homem e da natureza. É preciso superar posições simplistas tendentes ao ecológico naturalista, mas a verdade é que, a persistência do mito da produtividade ilimitada, apesar do vergonhoso

fracasso de todas as iniciativas em grande escala para desenvolver a Região, constitui-se em um dos mais notáveis paradoxos do nosso tempo

O espaço que se produz no interior da Amazônia, influenciado pela expansão do capital, ocorre num contexto de uma mais abrangente visão de produção em que homens enquanto seres sociais produzem sua história, sua consciência e seu mundo para além da produção natural.

Neste sentido, é necessário contrapor uma visão de espaço como palco onde se desenrolam e se localizam as atividades e os fenômenos humanos à idéia do espaço produzido através do trabalho humano. Na primeira, predomina a concepção de um espaço organizado e de uma exterioridade em relação ao homem; na segunda, ocorre a interiorização da produção humana, sendo o espaço um produto social não apenas por ser habitado pelo homem, mas por ser produto e condição de produção para o homem.⁵

O espaço é produzido pelo homem não como um objeto qualquer, tampouco como um meio, mas como requisito da própria condição humana, num processo de produzir, produzindo-se, reproduzindo-se. O modo pelo qual os homens produzem o espaço depende das condições concretas dos meios de produção, como também da forma de manifestação da vida que determina de certa forma a natureza do espaço. Por isso, o espaço não pode ser reduzido nem à natureza nem ao ambiente construído, mas às formas de controle que se adequam à produção dos meios materiais para a existência do homem, ampliando-se num processo geral de produção da sociedade.⁶

Todavia, existem as especificidades decorrentes da história do lugar, da capacidade de resistência e da forma não equânime de como as inovações atingem o lugar e de como as pessoas se relacionam com o novo. Todos estes aspectos, mediados pelos usos e costumes, determinam a forma de produção do espaço que se traduz na articulação entre o lugar, o nacional e o global.

A análise do processo de produção do espaço num lugar específico da Amazônia pressupõe o entendimento de que a produção do espaço não se encerra em si mesma, à medida que é condição, meio e produto da sociedade. O espaço não é um produto qualquer, "ele existe fora do indivíduo e se impõe tanto a este quanto à sociedade considerada como um todo".⁷ Ou seja, o espaço é produto, mas também se imbrica na produção da sociedade, produção tomada no sentido mais amplo, não se restringindo ao econômico, mas à reprodução da vida, pois o espaço não depende apenas das relações de produção, mas abrange outras dimensões como a política, a cultura e o lazer. Então, sua produção possui a dimensão da totalidade que abarca o cotidiano.

Compreender o cotidiano é buscar o desvendamento da realidade. Mas, ao mesmo tempo, esse cotidiano pode esconder a realidade. "A análise da vida de cada dia constitui - em certa medida, apenas - a via de acesso à compreensão e à descrição da realidade; além das suas possibilidades, ela falseia a realidade".⁸ Neste sentido, a realidade não pode ser compreendida apenas desvendando-se o cotidiano, mas numa dimensão em que este se inclui na totalidade. O cotidiano tem que ser compreendido no contexto social em que o espaço da cidade é produzido, não sendo apenas a soma

⁵. Ana Fani Alessendri Carlos. **A (re)produção do espaço urbano**, p. 33.

⁶. Ibid., p. 15.

⁷. Milton Santos. **Por uma geografia nova**, p. 128.

⁸. Karel Kosik. **Dialética do concreto**. p. 72.

mecânica de atividades diversas, mas a totalidade que as engloba e que determina a produção do espaço.

A produção do espaço urbano na Amazônia se dá a partir de um processo conflituoso, onde as novas relações destroem e reconstróem as antigas relações, pois o novo não exclui o velho. Este processo coloca como tendência a produção de um espaço controlado e homogeneizado que, no entanto, não se concretiza em sua inteireza, à medida que o novo espaço não se produz excludentemente. Ele reproduz as diferenças e as resistências que não restauram as relações sociais anteriores, mas as recriam em outras dimensões.

O novo, completamente novo, não existe e é nas brechas encontradas no processo de produção que a população do lugar e os migrantes criam as condições de resistência, visando alcançar as transformações do espaço produzido. No âmbito da Amazônia como um todo, tais ações podem ser percebidas na resistência da população indígena e dos caboclos tentando interferir na produção do espaço de maneira que o direito à diferença lhes seja garantido. No nível local, pequenas ações têm contribuído para que aflorem formas de lutas visando não permitir que o espaço se produza exclusivamente às feições da classe dominante e de acordo com as estratégias do Estado. Na maioria das vezes, são ações localizadas sem conseguir articulação mais ampla. Isso, no entanto, não retira o caráter político que lhes dá sustentação.

Portanto, é preciso compreender a vida social que se desenrola no espaço, buscando entender não apenas o possível, mas o impossível, não apenas o que é, mas principalmente o que poderia ser. Com isso chega-se a um resultado de investigação cuja base de análise é geográfica, tentando superar a Geografia que não alcançou o entendimento da deterioração do espaço social, pois se deteve à descrição dos fenômenos no espaço, para concebê-la enquanto ciência capaz de explicar a produção do espaço a partir de fatos reais postos pela vida concreta dos homens. Esta visão aponta para uma concepção de Geografia cuja base é a compreensão do uso do espaço.

Estabelece-se uma hipótese para a investigação do urbano na Amazônia, qual seja: a expansão da fronteira na Amazônia se dá a partir de um processo contraditório, baseado num tripé: a **destruição** das formas espaciais existentes, a criação das **resistências** e a **reconstrução** de formas e conteúdos espaciais dotados de novas dimensões e significados. A dimensão social desse processo é também uma dimensão espacial, sendo por isso concebida como uma prática sócio-espacial tendo o espaço como o lugar geográfico da ação. A forma como o espaço é produzido na fronteira pode ser um instrumento de perda, mas também pode se constituir numa alternativa de libertação.

A resistência não é uma dádiva, pressupõe de um lado que as pessoas tenham condições de sobrevivência, de outro, que se contraponham ao que se lhes é imposto sem perder a capacidade de indignação e de revolta "não só contra as condições particulares da sociedade existente até então, mas contra a própria produção da vida vigente e contra a atividade total em que se baseia".⁹

A análise privilegia o entendimento do espaço urbano, tendo como ponto de partida a paisagem urbana, visando atingir o entendimento da reprodução espacial e de seu conteúdo.¹⁰ Na Amazônia quase sempre esta paisagem em si nada tem de

⁹. Karl Marx. & Friedrich Engels. Op. cit., p. 57.

¹⁰. Ana Fani Alessandri Carlos. Op. cit., p. 52.

excepcional. A perspectiva adotada é de que a paisagem urbana não se resume apenas ao aparente, ao construído, ela também contém história, sendo produto do trabalho.¹¹

3. A cidade enquanto dimensão do vivido

O modo como o grupo se organiza para produzir e atender suas necessidades não explica *per se* toda a sociedade. Também, o processo de produção não se completa nem se encerra em si mesmo. Considerar apenas o econômico, ou mesmo colocá-lo em primeiro plano, choca-se com numerosas objeções. Estudar a sociedade a partir do ou exclusivamente com o conceito de modo de produção tomado separadamente destrói qualquer perspectiva de compreender o processo de produção da sociedade, entendendo a produção no sentido mais amplo. Esta maneira de analisar a sociedade não capta as transformações e o vivido e não abre caminho para o entendimento da vida, pois as relações sociais de produção encerram múltiplas contradições sociais, políticas e econômicas.

As cidades amazônicas foram e são produzidas a partir de contradições e de conflitos que não estão circunscritos às questões econômicas. Excluir o vivido pode ser uma forma sutil de camuflar o que o precede e o sucede. Neste sentido, a produção do urbano na Amazônia tem um componente importante que não pode ser desconsiderado enquanto configuração das cidades. As aldeias não podem ser consideradas como os embriões das cidades. As missões e os povoados se constituíram a partir das aldeias, mas eram a sua negação. Os aldeamentos em muitos casos foram criados distantes das aldeias e alguns se transformaram em vilas e posteriormente em cidades.

A base econômica foi fixada a partir da exploração de recursos naturais extraídos da floresta e dos rios, tendo na mão-de-obra indígena um de seus sustentáculos. A questão que se coloca é, existe influência da cultura indígena nas cidades amazônicas?

A cultura indígena se enquadra enquanto manifestação da cultura popular sendo quase sempre vista como fazendo parte de "uma manifestação cultural dominada, invadida, aniquilada pela cultura de massa e pela indústria cultural, invadida pelos valores dos dominantes (...) manipulada pela folclorização nacionalista, demagógica e exploradora, em suma como impotente face à dominação, arrastada pela potência destrutiva da alienação".¹²

É necessário, entretanto, como sugere Marilena Chauí, cautela quanto a considerar a cultura popular apenas na perspectiva da perda. No caso da cultura indígena este aspecto parece relevante, pois apesar de sempre ter sido colocada como perdedora e não se quer aqui estabelecer parâmetros de empréstimo cultural, é possível identificar em algumas cidades amazônicas, especialmente naquelas situadas às margens dos rios, sua influência. Na alimentação: os vinhos de abacaba, açaí, patauí, o peixe moqueado, o beiju, a carimã, a piracaia; na cestaria especialmente o paneiro; nos instrumentos de pesca, o arco e a flecha.

Mas é na habitação das pequenas cidades da Amazônia e até nas periferias das cidades maiores que há um marcante traço da influência indígena até agora pouco valorizado pelos que estudam a região. Trata-se do terreiro batido que guarda semelhança com o terreiro das aldeias indígenas. Esse terreiro faz parte da frente das

¹¹. Ibid., p. 56.

¹². Marilena Chauí. **Cultura e democracia**, p. 63.

casas (só identificado em casas de madeira) e embora pertença ao terreno não é cercado, não faz parte do quintal que só se inicia a partir da parede externa frontal da casa. Esta parte da frente da casa entre a casa e a rua é formada por uma área de terra batida, muito limpa, quase sempre com uma árvore ao centro para fazer sombra e um banco. Não é ajardinada e embora possa ser facilmente identificada como pertencendo a uma determinada casa, parece mais um espaço coletivo onde as pessoas se reúnem para conversar e as crianças para brincar. Esta influência praticamente inexistente em áreas influenciadas pela colonização recente.

4. Considerações finais

O afastamento geográfico não impediu que as cidades amazônicas sofressem a influência de um contexto cultural mais amplo, pois os homens não produzem suas culturas isoladas de todas as outras. Em decorrência, nas cidades da Amazônia a tendência, em especial nos núcleos criados recentemente, é do enfraquecimento da influência de uma cultura local, pois o espaço urbano está sendo produzido não de forma isolada, mas a partir de um contexto maior, mesmo com certas especificidades resultantes da experiência dos que chegaram e dos que estão que são sujeitos da criação.

O estudo das transformações do espaço amazônico, especialmente as pequenas cidades, revela o retrato de pessoas, que são identificadas no processo que fragmentou o espaço, vendido aos pedaços, ao mesmo tempo que se retoma o passado através de coisas e sentimentos que mudaram ou se refizeram num outro patamar. É preciso compreender e considerar as pessoas como participantes ativos de um processo que dilacera o coração e fere a alma. Contudo, se de um lado esse processo tem uma grande carga de tragédia, por outro tem a capacidade de embalar novos sonhos e novas ilusões sem melancolias nem saudosismos, mas com "ódio sossegado e com paciência". No estudo das pequenas cidades amazônicas, índios, posseiros, peões, devem ser considerados sujeitos e construtores do espaço, o que não significa deixar de reconhecer a sua condição de excluídos.

A paisagem é o resultado das relações sociais de produção e, principalmente, contém vida, sentimentos e emoções que se traduzem no cotidiano das pessoas. Tais relações são portadoras de profundidade e leveza, valendo a pena, por isso mesmo, compreendê-las. É possível que este cotidiano seja malditamente enfadonho para as pessoas que moram nas pequenas cidades do interior da Amazônia ou talvez nem exista, mas quem sabe não tenha lá seus encantos.

Por isso é preciso procurar nas coisas simples a beleza e a poesia onde não se fala disso ou talvez onde nem exista. É preciso compreender o olhar, o sorriso, todos os gestos e ações que abrem a porta para o infinito tornando a vida mais agradável, as distâncias menores e os momentos mais intensos.

É preciso compreender que, num lugar como a Amazônia, a beleza não está apenas nas formas aparentes mas no estado d'alma e na condição de vida concretizada em cantigas, em versos, na singeleza de celebrar a festa para exprimir solidariedade, fraternidade e dissimular perdas.

É preciso compreender a espacialidade que resulta das duras condições de vida, mas também da resistência, da força inquebrantável para a construção de uma nova vida que não é necessariamente melhor ou pior, mas é uma nova vida. É preciso entender, como sugeriu José de Souza Martins "porque a cultura popular neste país se constitui num arquivo, retalho da História do povo, de canções que celebram o amor e a festa e,

freqüentemente dissimulam a guerra e o luto e proclamam, no gesto da luta, da resistência, da ruptura e da desobediência, sua nova condição, seu caminho sem volta, sua presença maltrapilha, mas digna na cena da História”. Estas ações que se concretizam em espacialidades, quase sempre são desconsideradas, pois estão eivadas de coisas simples, transmutadas numa sensação de extrema obviedade pela freqüência do estar sempre por aí e porque quase sempre a nossa preocupação é com as carências e com as perdas estudando o espaço como inumano. Neste sentido, é necessário que a Geografia restabeleça aquilo que recente Milton Santos considerou como perda: ter deixado de ser ciência e arte.

BIBLIOGRAFIA:

- CARLOS, Ana Fani Alessandri - **A (Re)produção do espaço urbano: o caso Cotia**. Tese de doutorado. FFLCH/USP, 1987.
- CHAUÍ, Marilena - **Cultura e democracia**. 3.ed. São Paulo: Editora Moderna, 1982.
- CORRÊA, Roberto Lobato - "A organização urbana". In: **Geografia do Brasil**. Vol. 03 Região Norte. Rio de Janeiro: IBGE, 1989. p. 255-71.
- KOSIK, Karel - **Dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LEFEBVRE, Henri - **Espacio y politica**. Barcelona: Ediciones Península, 1976.
- MARX, Karl & ENGELS Friedrich - **A Ideologia alemã (I - Feuerbach)**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- OLIVEIRA, Adélia Engrácia de - "Ocupação Humana". In: Salati, Eneas et alii. **Amazônia: desenvolvimento integração e ecologia**. São Paulo: Brasiliense; Brasília: Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 1983. p. 144-327.
- SANTOS, Milton - **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1980.
- WAGLEY, Charles - **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos Trópicos**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988.